

A transversalidade da ética*

Lília Ferreira de Moura Costa**

INTRODUÇÃO

O objetivo desta proposta é atender uma necessidade de discutir e, conseqüentemente, despertar, valores éticos nos cursos da área de Ciências da Vida, não de uma forma isolada em um momento do curso, como uma disciplina, mas juntamente com outros conteúdos, em diversas situações, nos vários cenários desses cursos. É fundamental, neste momento de mudança nos currículos dos diversos cursos e de construção de novos projetos pedagógicos, que a discussão de valores éticos não fique esquecida dos módulos temáticos, nem restrita a uma visão meramente teórica. A transversalidade implica em permear um tema em vários momentos de um curso. Este tema passa a funcionar como um elemento comum e permite uma melhor inserção do estudante.

Em seu livro *Tempo de transcendência*, Leonardo Boff (2000) considera o homem como um ser de potencialidade permanente e ainda um projeto infinito, um ser de abertura que sempre acrescenta algo ao real.

De acordo com Sung e Silva (1995, p.15):

O ser humano deve construir ou conquistar o seu ser. Ele não nasce pronto, se faz ser humano, se torna pessoa. O grande desafio de nossas vidas é este processo de construção do nosso ser.

Segundo Dalai Lama (2000), a conduta ética consiste em não fazer mal às pessoas, em levar em consideração os sentimentos dos outros. A prática ética se desenvolve à medida que transformamos a empatia em amor e compaixão, e, quando isto acontece, todos ganham em qualidade de vida e felicidade. Seguindo esta proposta, procuramos caminhos para atingir o objetivo de permear a ética em todas as disciplinas dos diversos currículos, discutindo os valores éticos. Como educadores, devemos estar atentos ao que diz Krishnamurt (citado por CREMA 1995, p.27):

[...] a autêntica educação é um processo de facilitar a compreensão do significado da vida como um todo, gerando entes humanos integrados e inteligentes.

ÉTICA E MORAL

A palavra *ética* vem do grego *ethos* que significa 'modo de ser, caráter'. Em dadas situações, é considerada como sinônimo da palavra *moral*, esta de origem latina (*morale*) denotando 'costumes'. A moral pode ser definida como um conjunto de normas e regras destinadas a

* Conferência proferida na Escola de Medicina Veterinária, UFBA, em 2 de outubro de 2002, por ocasião do I Fórum de Ética e Bioética, tendo como fundamentação o trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Metodologia do Ensino Superior para a Área de Saúde, apresentado por Lília Ferreira de Moura Costa, Elizabeth Maria Costa de Carvalho, Célia Nunes Silva e Marcelo Peixoto, em dezembro de 1999, com o título "Ética: uma abordagem transversal".

** Professora de Microbiologia. Instituto de Ciências da Saúde. UFBA.

Departamento de Biointeração
Instituto de Ciências da Saúde
Universidade Federal da Bahia
Av. Reitor Miguel Calmon s/n Vale do Canela
40.110-100 - Salvador Bahia Brasil.
E-mail: lilia@ufba.br

regular as relações dos indivíduos numa dada comunidade social (VASQUEZ, 1975 apud RIOS, 1993). A ética, por sua vez, se relaciona com o estudo dos juízos de apreciação que se referem à conduta humana susceptível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativo a uma sociedade, em determinada época, seja de modo absoluto. A ética seria, na concepção de Sung e Silva (1995), uma reflexão teórica que analisa e critica ou legitima os fundamentos e princípios que regem um determinado sistema moral, ou seja, a ética poderia ser resumida como a teoria sobre a prática moral.

A moral, portanto, fica compreendida como algo que se impõe de fora para dentro, baseada nos costumes; a ética, por outro lado, implica uma análise crítica destes costumes que serão aceitos ou questionados pelo indivíduo. A ética pressupõe um juízo de valor que vem de dentro para fora do indivíduo. Analisando ainda o conceito de ética, observa-se que esta depende de opções dadas ao indivíduo, ou seja, do poder da liberdade de escolha. Esta possibilidade de escolha, como requisito para classificar uma atitude como ética, é colocada por Aristóteles em *Ética a Nicômaco*. A ética implica uma escolha própria de cada indivíduo e não deve depender de terceiros. Diante de uma situação, o indivíduo age de acordo com seus valores e com as opções que lhe são apresentadas em um determinado momento (WEIL, 1993). Além de ter como pré-requisito a liberdade, o exercício da ética implica também responsabilidade. Dessa forma, a moral é cristalizada na sociedade, enquanto a ética é individual e crítica, estando relacionada, assim, à liberdade de escolha e à responsabilidade.

ÉTICA E VALORES

A ética está presente em todas as ações humanas, que, por sua vez, são norteadas por valores. No contexto das ações humanas estão as pesquisas científicas, nas quais também estão implícitos valores. No dizer de Capra (1996, p.28):

Durante a revolução científica do século XVII, os *valores* eram separados dos fatos, e desde essa época tendemos a acreditar que os fatos científicos são independentes daquilo que fazemos, e são, portanto, independentes dos nossos *valores*. Na realidade,

os fatos científicos emergem de toda uma constelação de percepções, *valores* e ações humanas — em uma palavra, emergem de um paradigma — dos quais não podem ser separados. Embora grande parte das pesquisas detalhadas possa não depender explicitamente do sistema de *valores* do cientista, o paradigma mais amplo, em cujo âmbito essa pesquisa é desenvolvida, nunca será livre de *valores* (grifos nossos).

Segundo Crema (1995), existe uma contradição em nossos tempos com uma evolução muito grande da ciência e tecnologia sem uma correspondente evolução psíquica, ética e espiritual, indicando que a fragmentação da ciência também tende a afastá-la da discussão ética. Citando Soler, sintetiza: “[...] somos ricos em termos de conhecimento e miseráveis quanto a significados: a crise da ciência é, fundamentalmente, uma crise de visão” (p.27).

Incentivar uma postura ética na prática, como foi visto anteriormente, envolve discutir e despertar valores éticos. Valor, como é esclarecido por Weil (1993), é uma variável da mente que faz com que o ser humano decida ou escolha se comportar numa determinada direção e dentro de determinada importância. Segundo ele, é na mente que encontramos os valores, entendendo-se por *mente* o conjunto de fenômenos psíquicos, particularmente pensamento, raciocínio, inteligência, afetividade, percepções, sensações e ações. No processo mental, o valor apresenta três aspectos: o cognitivo, o afetivo e o conativo. O aspecto cognitivo pode ser um pensamento, uma idéia ou uma representação mental e seria a causa. O aspecto afetivo envolve atitudes e emoções e seria um dos efeitos. O aspecto conativo seria a decisão e a ação compatível e seria um outro efeito. O resultado da ação pode reforçar ou mudar o valor, seguindo o princípio da retroalimentação. De acordo com esta lógica, se um indivíduo assume uma determinada posição frente a uma dada situação, e esta postura lhe causa satisfação, existe uma tendência a repetir a postura frente a uma situação semelhante (FIGURA 1).

Weil (1993) cita a pesquisa feita por Rokeach a respeito do processo de mudança de valores, na qual o autor demonstrou que, apesar de uma tendência à manutenção dos valores, estes podem sofrer alterações através de uma metodologia baseada na teoria cognitiva da

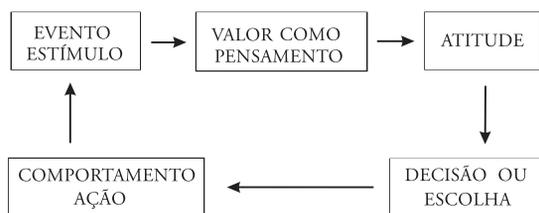


Figura 1 - Como o resultado de uma ação pode reforçar um valor

Fonte: WEIL (1993, p.48).

mudança. De acordo com esta teoria, se uma pessoa é informada da existência de contradições entre a sua auto-imagem, suas crenças, atitudes, seus valores, seu comportamento e de todo o seu conjunto pessoal e os da maioria das pessoas e o consenso da sociedade em que vive, ela se comportará de modo a reduzir essas contradições, em virtude de sua auto-insatisfação. O método usado por Rokeach baseou-se em formulários de classificação de valores, informando resultados estatísticos em determinados grupos, aliados a uma reflexão sobre as classificações dadas pelo próprio sujeito.

Buscando os valores éticos a serem discutidos nos diversos currículos dos cursos da área de Ciências da Vida, destacamos os seguintes: beneficência, justiça, liberdade, equidade, respeito ao paciente, disciplina, responsabilidade, respeito à vida, participação e compartilhamento de grupos, capacidade de tomar decisões, empatia e honestidade, dentre outros. Os valores não são estáveis, eles evoluem com as necessidades do homem, haja vista o princípio da igualdade, que diz respeito a tratar-se da mesma maneira indivíduos diferentes, hoje repensado como da equidade, ou seja, devem-se atribuir tratamentos diferentes a indivíduos diferentes, entendendo-se que não há nada mais desigual do que tratar igualmente situações ou indivíduos com características diversas.

O DOMÍNIO AFETIVO

No binômio ensino-aprendizagem, de acordo com a taxonomia de Bloom, existem três domínios que, em harmonia, viabilizam todo o

processo de conhecimento (BORDENAVE; PEREIRA, 1998). Estes domínios são caracterizados como cognitivo, psicomotor e afetivo. O domínio afetivo está diretamente relacionado à proposta da transversalidade da ética, implicando reflexões sobre valores, comportamento, moral e ética.

O domínio afetivo, segundo Krathwohl, Bloom e Masia, citados por Marcondes e Gonçalves (1998) e por Bordenave e Pereira (1998), envolve cinco níveis que indicam diferentes graus de internalização dos valores pelos alunos durante o processo dinâmico de ensino-aprendizagem:

1) *Recepção* ou *recebimento*. É o ponto mais básico do domínio afetivo, sem o qual os outros comportamentos mais internalizados não ocorrerão. O recebimento garante que a informação é ouvida ou vivenciada. O aluno ouve e mantém sua atenção voltada para o que está sendo dito.

2) *Resposta* ou *responsividade*. O aluno responde sobre a matéria em estudo. A resposta implica um novo plano de internalização, quando, além de atenção, o indivíduo interage com o que está sendo dito. Neste plano, já existe curiosidade pelo que está sendo discutido e estímulo.

3) *Valorização*. O aluno tem um compromisso com o que está sendo aprendido e crê no seu valor. O valor transforma-se em ponto de vista e serve como motivação. “A essência da educação é a iniciação a um conjunto de valores pessoalmente desenvolvidos”.

4) *Organização*. O aluno cria uma hierarquia ou sistema de valores. A organização começa quando mais de um valor ou de uma atitude se confrontam. A organização permite que o indivíduo defenda os valores de outro, se isto for necessário.

5) *Caracterização* por um valor ou por um complexo de valores. É o nível mais internalizado da classificação, que corresponde ao caráter do indivíduo. O aluno tem interiorizado um complexo de valores que dirige o seu comportamento total e que se reflete em suas atitudes.

AVALIAÇÕES

A avaliação da discussão e reflexão sobre valores éticos não deve ser quantitativa e sim qualitativa. É preciso que o grupo de professores envolvido com o curso defina o nível de internalização que se espera alcançar em cada fase do curso. Cabe ao professor fornecer ao aluno um *feedback* de como ele está perante o grupo e frente ao que se propõe um profissional da área de Ciências da Vida. Consideramos que, para uma melhor conscientização do estudante, seja mais importante uma avaliação ao final de cada unidade pedagógica (semestre, módulo, laboratório), que terá a função de avaliação formativa, além de uma avaliação ao final do curso (avaliação somativa).

As avaliações são fundamentais para o acompanhamento dos estudantes e também para orientação do próprio curso. Estas avaliações devem se estender aos professores quanto ao seu desempenho frente aos objetivos propostos (auto-avaliação, avaliação discente, avaliação pelos seus pares). Não se trata, então, somente de uma avaliação dos estudantes, mas também de avaliar o êxito da inclusão da temática ética como abordagem transversal (FIGURA 2).

A etapa avaliação tem papel regulador nos processos de ensino-aprendizagem. No entanto, o seu valor depende de o avaliador ser capaz de dominar as bases conceituais e as técnicas de avaliação (BORDENAVE; PEREIRA, 1998).

CONCLUSÕES

A discussão sobre valores éticos deve ser tão ampla quanto a discussão sobre a adoção,

REFERÊNCIAS

BOFF, L. **Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CREMA, R. **Saúde e plenitude: um caminho para o ser**. São Paulo: Summus, 1995.

DALAI LAMA. **Uma ética para o novo milênio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

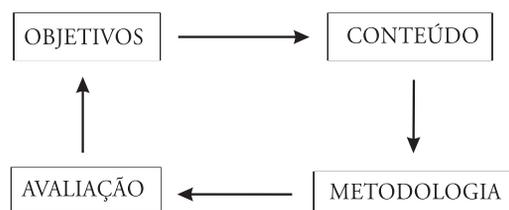


Figura 2 - Esquema básico de um planejamento educacional

Fonte: MARCONDES; GONÇALVES (1998, p. 248).

por parte dos diversos cursos, de currículos integrados, para que o processo ensino-aprendizagem ocorra de maneira mais eficaz. Tendo o estudante como sujeito da aprendizagem, é importante que ele formule questões e busque respostas a estas questões, não só questões técnicas, mas também filosóficas e existenciais.

É fundamental ter em mente que o objetivo não é reproduzir ou mudar valores, mas discutir, refletir e avaliar em que nível do domínio afetivo os estudantes internalizam estes valores. É fundamental que todos os professores proponham e construam novas experiências em variadas situações e cenários. A reflexão crítica sobre estas experiências é que pode gerar uma transformação na prática pedagógica.

É preciso pensar que o educador competente é um educador comprometido com a construção de uma sociedade justa, democrática, na qual saber e poder tenham equivalência enquanto elementos de interferência no real e organização de relações de solidariedade, e não de dominação, entre os homens (RIOS, 1993, p.65).

MARCONDES, E.; GONÇALVES, E. L. **Educação médica**. São Paulo: Sarvier, 1998.

RIOS, T. A. **Ética e competência**. São Paulo: Cortez, 1993.

SUNG, J. M.; SILVA, J. C. **Conversando sobre ética e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

WEIL, Pierre. **A nova ética**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.